

A literatura na escola há de desaparecer? Caminhos para sua permanência no ensino básico

Will literature disappear in schools? Ways to ensure its permanence in primary education

 Pedro Henrique Elias de Albuquerque *

Recebido em: 14/jan/2025.
Aprovado em: 16/maio/2025.

Resumo: Este artigo visa explorar a crise do ensino de literatura no contexto escolar brasileiro, por meio da análise das razões históricas e curriculares que levaram à sua desvalorização gradual. Com base em documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), essa pesquisa critica a marginalização da literatura como um componente secundário dentro da disciplina de Língua Portuguesa. Argumenta-se que essa forma de pensar reduz o seu potencial enquanto disciplina, restringindo-a a objetivos técnicos e negligenciando sua essência artística e reflexiva. O artigo em questão propõe soluções práticas para uma tentativa de mudança desse cenário, visando incluir a centralidade da literatura no currículo e formar leitores críticos e sensíveis às questões contemporâneas que estão inclusas em suas realidades.

Palavras-chave: Literatura. Ensino básico. BNCC. Formação do leitor. Interdisciplinaridade.

Abstract: This article aims to explore the crisis of literature teaching in the Brazilian school context, through the analysis of the historical and curricular reasons that led to its gradual devaluation. Based on official documents, such as the National Common Curricular Base (BNCC) and the Law of Guidelines and Bases of Education (LDB), this research criticizes the marginalization of literature as a secondary component within the Portuguese Language discipline. It is argued that this way of thinking reduces its potential as a discipline, restricting it to technical objectives and neglecting its artistic and reflective essence. The article in question proposes practical solutions in an attempt to change this scenario, aiming to include the centrality of literature in the curriculum and to form critical readers who are sensitive to contemporary issues that are included in their realities.

Keywords: Literature. Basic education. BNCC. Reader training. Interdisciplinarity.

* Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Doutorando e Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura (POSLIT) da Universidade de Brasília (UnB). Contato: pedrophea@gmail.com.

Introdução

O fim do ensino de latim nas escolas brasileiras se iniciou na década de 1940, prolongando-se, a duras penas, até 1961, ano em que foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Foi nesse momento que o latim, tal qual outras matérias até então obrigatórias, como a filosofia, passou à condição de disciplina optativa, representando, segundo Leite *et al.* (2014), o golpe definitivo para a perda de sua centralidade no ensino secundário, resultando gradualmente em seu desaparecimento das práticas escolares. Essa mudança possibilitou a reformulação dos conteúdos escolares, que considerou as disciplinas mais práticas e alinhadas com a vertente tecnicista como mais importantes, pois elas subsidiariam a base dos estudantes para o ingresso no mercado de trabalho. A partir deste momento, as ciências exatas começaram a receber uma hipervalorização, devido à necessidade de profissionais mais habilitados e também pelo pouco interesse do sistema dominante da época pela reflexão crítica. Dessa forma, o latim, que antes entrava nas grades horárias como objeto de estudo obrigatório, era escanteado cada vez mais, restando apenas para os interessados em línguas antigas e para os estudantes de humanidades do nível superior.

Nesse viés educacional, que valoriza cada vez mais o que é prático e aplicável, sempre pensando na formação laboral, a literatura, assim como outras ciências humanas, dá os mesmos sinais de crise do latim¹. Embora seja considerada um dos pilares da formação cultural e intelectual humana, ela não tem utilidade imediata, não constrói casas, não gera riquezas, e isso basta para que certos grupos argumentem a favor de seu desmonte. Em outras palavras, em um sistema capitalista com uma lógica neoliberal, o que não gera mão de obra e lucro, não precisa estar em voga. Assim, é possível afirmar, categoricamente, que há uma crise da literatura no ensino básico e cabe aos professores, mediadores do conhecimento, prover caminhos para sua permanência.

Considerando a questão norteadora *A literatura na escola há de desaparecer?*, este artigo visa explorar, por meio de uma revisão de literatura e da análise do cenário atual, não apenas os elementos que fomentam a crise do ensino de literatura, mas também pretende inspirar os profissionais da educação básica a reconsiderar seu valor essencial para a formação de uma sociedade mais crítica e reflexiva. Propondo caminhos viáveis para a sua recuperação e relevância, espera-se que o texto literário recupere seu *status* de elemento crucial na formação humana.

O desaparecimento mediado pela questão curricular

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394/1996, é determinado, em seu artigo 2º, que

a educação “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando” (Brasil, 1996, s.p, grifos nossos), o que incide, também sua formação literária. A literatura é uma das partes integrantes de uma cultura, e a não promoção de sua existência compromete a formação crítica, cultural e identitária dos indivíduos. Seu ensino, e a consequente formação do leitor, possibilita o desenvolvimento integral do ser, permitindo-o a compreender-se como um cidadão ativo dentro de sua realidade.

É notável o esforço da LDB em trazer uma perspectiva cultural ampla para o estudante, mostrando diversos vieses que irão contribuir em sua formação. Mesmo que haja poucas menções à literatura, expressas nos seguintes artigos: 26-A, § 2º, que trata do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena; 35-D, I, que estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio; e 70, IX, que trata das despesas realizadas para a realização de objetivos básicos, a LDB possibilita que a literatura seja explorada como uma forma de valorização da diversidade cultural e identitária, integrando-se ao desenvolvimento crítico e ético dos estudantes. Além disso, esse documento estabelece as diretrizes gerais para a educação, permitindo que os sistemas de ensino federais, estaduais e municipais organizem seus respectivos currículos de acordo com as suas características locais, o que favorece uma abordagem da literatura que se conecte de maneira mais eficaz aos estudantes.

Partindo para uma perspectiva mais específica, a BNCC apresenta orientações precisas para o ensino de literatura em todas as etapas da Educação Básica. O documento em questão trata a literatura como parte integrante do componente de Língua Portuguesa e destaca a sua importância, juntamente às artes,

como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente (Brasil, 2018, p. 139).

Nesse ponto, cabe a seguinte reflexão: considerar a literatura como parte de uma disciplina equivale a retirar a sua autonomia, diminuindo a sua importância na formação individual e integral dos cidadãos. Embora a BNCC reconheça a sua relevância, essa decisão a conduz a um apagamento gradual enquanto área de estudo. Nessa perspectiva, a literatura é tratada como um instrumento para alcançar diversas competências de leitura e escrita, como a localização de informações no texto, o desenvolvimento de uma visão crítica, e a produção de textos argumentativos, limitando a sua manifestação como um objeto artístico, histórico e cultural.

Essa inserção no campo de Língua Portuguesa impede que a essência da literatura seja explorada em toda sua

complexidade. Caso fosse tratada como uma disciplina independente, ela ofereceria possibilidades únicas de análise estética e crítica por meio de suas narrativas, pois não seria utilizada como pretexto para atingir outros objetivos senão a compreensão aprofundada do objeto textual. Essa visão está alinhada com a tese de Marisa Lajolo, que afirma que “o texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser” (Lajolo, 1988, p. 56), o que reforça a necessidade de uma abordagem mais aprofundada da literatura.

Ao tratar a literatura como pretexto, sua essência crítica e força transformadora são perdidas. Ao ser abordada de maneira superficial, apenas com o intuito de alcançar habilidades de leitura e escrita pré-determinadas, ou sendo a intermediadora para o ensino de conteúdos específicos, a oportunidade de analisar aspectos fundamentais do texto literário é deixada de lado. Enquanto objeto artístico, a literatura tem o poder de gerar reflexões acerca da sociedade, dos indivíduos e dos valores que os compõem, mas, ao focar, exclusivamente, na aquisição de aspectos técnicos, sua dimensão crítica e subjetiva desaparece.

É relevante destacar a recorrência de menções à formação do leitor ao longo do documento, o que reflete a preocupação de se criar leitores capazes de compreender a fundo a obra literária e refletir sobre a sua condição enquanto sujeitos integrantes de uma sociedade disfuncional. Dessa forma, a proposta da BNCC vai além de capacitar os estudantes para realizarem uma leitura superficial dos textos literários; ela almeja incentivar os a desenvolver uma apreciação mais profunda pelo objeto literário.

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de frui-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores (Brasil, 2018, p. 156).

O objetivo é criar condições para que o estudante se torne um leitor ativo, questionador, que reflita sobre as diversas camadas do texto. Essa formação visa alcançar não apenas a compreensão dos sentidos literários, mas também o proveito estético da literatura, o estímulo do hábito de leitura e o amadurecimento gradual do leitor. Assim, o estudante será capaz de elencar seus próprios critérios de escolha para as obras futuras e adotar uma postura crítica diante dos textos. Esse processo, enfim, ultrapassa a aprendizagem técnica, tornando-se uma construção mais abrangente e transformadora do indivíduo. Todavia, é impossível deixar de retomar a ideia anteriormente discutida, a fim de refletir sobre ela: é realmente possível falar em formação de leitores quando o texto literário não é tratado como prioridade?

Outro ponto que merece destaque é a abordagem superficial que a literatura recebe ao longo de toda a educação básica. Como aponta a pesquisa de Lourenço e Santos (2023), o ensino literário se restringe na utilização de métodos conteudistas e fragmentados, onde é priorizado o estudo de períodos literários e autores do cânone em recortes breves. Consequentemente, o texto literário acaba sendo utilizado somente para ilustrar características formais ou responder a questões avaliativas, demonstrando o esvaziamento de seu potencial formativo e afastando-se dos alunos. Ao invés de formar leitores, esse modelo compromete a possibilidade da construção de um leitor crítico e consciente.

Durante os Anos Finais do Ensino Fundamental, a BNCC sugere que o estudo literário seja focado na formação do costume de ler e na interpretação de obras literárias, que sejam condizentes com as faixas etárias de cada etapa. Para o documento, os estudantes desse segmento são introduzidos ao universo da análise literária, focando, principalmente, em temas, personagens e enredos, tendo como objetivo principal a reflexão sobre os valores contidos nas obras e o reconhecimento de determinadas influências culturais. Esse reconhecimento cumpre o pressuposto contido na LDB: a promoção da diversidade cultural em diversas manifestações artísticas. Assim, os textos trabalhados no nível fundamental, em sua maioria, tornam-se pretextos para que os alunos tenham um contato indireto com outras culturas e, consequentemente, a essência do texto literário perde-se novamente. Contudo, não seria correto ignorar a presença dessas obras em sala de aula, pois o objetivo maior é atingir uma educação integral, mas seria interessante trazer uma abordagem em que a literatura fosse focalizada como principal objeto de estudo, ao invés de ser uma mera ferramenta pedagógica.

A superficialidade é intensificada no Ensino Médio, onde o foco é deslocado para uma percepção predominantemente histórica dos movimentos literários e estilos de época, além de uma análise limitada a características gerais de determinadas obras do cânone literário brasileiro e europeu. É fato que as análises críticas e históricas dos textos literários, assim como as relações existentes entre obras literárias e o contexto sociocultural nacional, estipuladas pela BNCC, podem contribuir para o desenvolvimento de um saber mais amplo e conectado à realidade contemporânea. Para que isso ocorra devidamente, o estudo do texto literário deve ser tratado como o centro do fazer pedagógico, pois só assim será possível realizar uma análise complexa da narrativa, a fim de adentrar e compreender suas camadas. Assim, a análise aprofundada de obras literárias enfrenta barreiras significativas: os professores lidam com um currículo extenso, que abrange diversas competências e habilidades, o que limita o tempo disponível para que sejam exploradas, com profundidade,

as nuances dos textos; e, também, sofrem a pressão de preparar os alunos para exames vestibulares, que tratam a disciplina de maneira reducionista, o que contribui diretamente para o seu perfil superficial.

Esse procedimento, além de dificultar o desenvolvimento de uma formação literária mais completa, estimula o desinteresse dos estudantes pela leitura. Ao reduzi-la a um conjunto de informações históricas, exclui-se seu potencial enquanto objeto de reflexão e compreensão. Estando consciente dessa questão, a BNCC traz críticas contundentes à simplificação didática, alegando que é necessário realizar um trabalho mais aprofundado com a literatura, mas não dispõe de soluções válidas para findar essa questão:

Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes (Brasil, 2018, p. 499).

Dessa forma, o apagamento gradual da literatura em documentos oficiais contribui para uma formação acadêmica incompleta, já que impede o estudante de compreender plenamente a função crítica, cultural e estética do texto literário. A literatura, como campo do saber, tem um papel formativo que vai além do domínio da linguagem e do simples ato de ler; ela fornece caminhos para a construção da identidade, para o desenvolvimento da sensibilidade estética e para a compreensão das diversas realidades que cercam os indivíduos. Quando a literatura é tratada somente como um componente de Língua Portuguesa, esses aspectos são subjugados, limitando a capacidade da educação de formar cidadãos reflexivos e socialmente engajados.

A sala de aula contemporânea: desafios para o ensino de literatura

O ambiente escolar contemporâneo reflete as tradições apontadas no tópico anterior. Mesmo com a mobilização das equipes gestora e docente em promover uma educação integral, o sistema educacional não favorece a exploração aprofundada de determinadas disciplinas². Infelizmente, em diversas instituições de ensino, são priorizados conteúdos altamente teóricos e de pouca aplicação prática, visando o sucesso dos alunos em avaliações de larga escala, como vestibulares regionais ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em detrimento de uma formação crítica e reflexiva.

Ao refletir sobre o ensino de literatura na prática, em especial no Ensino Médio, tudo que aflora são aulas que se reduzem a trabalhar a interpretação textual de obras literárias, muitas delas listadas em editais de

vestibulares, e o reconhecimento de temas históricos e culturais, sempre com o viés de atingir determinadas habilidades e competências.

Essa realidade ainda é agravada pela extensão curricular tanto da BNCC quanto dos currículos estaduais e municipais. O professor, ao elaborar seu planejamento anual, se depara com uma quantidade exacerbada de conteúdos e pouco tempo hábil para ministrá-los. Dessa forma, o docente deve possuir uma criatividade colossal para lecionar os diversos conteúdos de maneira interessante em tempo recorde. Pensando na literatura, a utilização de resumos, de fichas de leitura e de análises extremamente superficiais sobrepuja a investigação do texto literário como objeto de estudo. Consequentemente, o interesse dos estudantes também é prejudicado, pois é impossível se interessar por algo que você, de fato, não conhece de maneira aprofundada.

A escassez de tempo, somada a falta de hábito de leitura, compromete o desenvolvimento do pensar crítico dos estudantes. A partir do momento que a literatura é tratada apenas de forma superficial, o aluno perde a possibilidade de refletir sobre o impacto que a obra causa em sua vida e como ela conversa com a sua realidade, sem mencionar a conexão interdisciplinar que o texto poderia fazer. Isso enfraquece a formação de leitores, ponto muito mencionado na BNCC, pois a pressão por resultados imediatos, advindos de um sistema que não concilia a teoria e a prática, reduz a literatura a um exercício de memorização e pouca interpretação, ao invés de tratá-la como um espaço de reflexão.

Por meio de avaliações internacionais de larga escala, é possível ver a deficiência dos estudantes gerada pela falta de um hábito de leitura. Segundo dados do *Programme for International Student Assessment* (PISA), aplicado em 2022, somente 50% dos estudantes brasileiros de 15 anos atingiram o nível 2 ou superior em leitura, o que indica proficiência mínima para localizar informações explícitas e realizar inferências simples em textos. Além disso, apenas 2% atingiram níveis mais altos de desempenho (níveis 5 ou 6), o que evidencia uma dificuldade generalizada em compreender e analisar textos complexos (OCDE, 2023).

De forma a complementar o diagnóstico, o *Progress in International Reading Literacy Study* (PIRLS), aplicado em 2021, cerca de 38% dos estudantes brasileiros do 4º ano não tinham domínio das habilidades mais básicas de leitura, como a recuperação de um dado declarado no texto. Apenas 13% alcançaram níveis mais altos de proficiência, ficando muito aquém de países como Espanha (36%) e Portugal (35%). Os dados mostram que quase dois terços dos estudantes brasileiros possuem habilidades reduzidas de compreensão textual, o que os impede de interagir de forma crítica e aprofundada com os textos, limitando, até mesmo, seu desempenho em outras disciplinas (PIRLS, 2023).

O ato de ler deve ser estimulado desde as fases iniciais da vida do indivíduo, de forma a construir uma relação mais intimista com o texto literário. Todavia, possivelmente por uma questão cultural, a responsabilidade de formar um leitor é redirecionada exclusivamente para o professor. O docente é apenas um dos vários mediadores de leitura que contribuem para a formação do leitor, não sendo o único a se comprometer com esse processo humano, como bem evidencia Albuquerque (2023, p. 164):

Os mediadores de leitura estão espalhados ao longo da vida de um indivíduo, podendo ser representados pelos seus pais, durante a sua infância; por seus professores, ao longo de sua vida acadêmica; e, posteriormente, pelos próprios indivíduos, quando já se encontram em uma situação de leitores formados (Albuquerque, 2023, p. 164).

Não obstante, a influência gritante das tecnologias digitais, que moldam os hábitos de consumo cultural das novas gerações, tem se tornado um grande empecilho tanto para a formação de um hábito de leitura quanto para o próprio ato de ler. A geração *TikTok*, nome conferido à geração que vem sendo moldada pelo uso excessivo de mídias sociais, tem muita familiaridade com os compilados de vídeos de um minuto, que chegam ao espectador de maneira digerida, e pouca, ou nenhuma, com textos que apresentem qualquer tipo de complexidade. Ler é um ato solitário, que requer concentração e silêncio, e o texto literário é completamente estático, em oposição ao seu significado, que pode ser modificado com o tempo. Para uma geração que se acostumou, ou até mesmo que foi criada, com estímulos rápidos e pouco significativos, ler torna-se uma tortura. Cabe ao professor desenvolver metodologias que não apenas despertem o interesse dos estudantes pelas obras literárias, mas que os ajudem a compreender o valor real daquele objeto de estudo. Nonato (2020) ressalta a necessidade de conciliar o ensino de literatura com a cultura digital, um desafio cotidiano no cenário educacional contemporâneo:

O desafio do ensino de literatura é articular-se com a cultura digital, como amiúde o desafio de todo o processo educativo em todas as áreas de conhecimento, malgrado as especificidades de cada área de conhecimento e de como ela se relaciona com a cultura digital, mediante as pontes mais adequadas e melhor potencializadoras dos pontos de convergência dessas dinâmicas culturais autônomas (Nonato, 2020, p. 546).

Contudo, mesmo com as dificuldades citadas, a sala de aula ainda é um espaço transformador, onde as práticas inovadoras e a sensibilidade docente podem ressignificar o ensino, especialmente o de literatura. Ao encontrar formas de despertar a curiosidade e o prazer em ler, seja por meio de projetos inter ou transdisciplinares ou por meio de debates sobre aspectos relevantes contidos nas

obras literárias, os professores atingem, enfim, o objetivo de formar leitores de uma maneira efetiva.

Caminhos para sua permanência

Diante desse cenário de desvalorização e superficialidade no ensino da literatura, o papel do professor torna-se ainda mais central. Cabe a ele resistir às limitações impostas pelo currículo engessado e pelas avaliações de larga escala, buscando caminhos que assegurem a presença significativa da literatura nas práticas escolares. Embora a BNCC proponha uma abordagem que valorize o letramento literário e a formação crítica do leitor, no cotidiano essas diretrizes não costumam ser concretizadas, devido a fatores como sobrecarga de conteúdos, falta de tempo e condições de trabalho precárias. Por isso, o docente precisa atuar como mediador sensível e criativo, promovendo experiências de leitura que despertem o interesse dos estudantes e atribuam sentido à literatura enquanto objeto de conhecimento e fruição.

É preciso compreender que o docente, por vezes, enfrenta condições externas ao fazer pedagógico, como turmas lotadas, poucos recursos pedagógicos e uma estrutura precária. Além disso, o despreparo acadêmico para lidar com a literatura como foco das aulas pode acabar restringindo ainda mais o alcance de seu ensino, transformando-o em uma experiência frustrante para os alunos e, também, para o professor. Além disso, juntamente a esses problemas, coexistem as questões citadas anteriormente: um currículo extenso e um prazo relativamente curto; o viés quantitativo ao invés de qualitativo; a visão utilitarista e superficial da literatura etc.

Ao adotar uma postura transformadora, o professor deve implantar estratégias criativas e participativas que valorizem o texto literário em sua totalidade, sejam elas: o incentivo ao debate crítico, buscando aspectos que dialoguem com a realidade dos educandos; a compreensão da tecnologia como uma aliada da literatura, principalmente com as figuras dos *booktokers* e *booktubers*; a gamificação, transformando obras literários em *board games* e *card games*; e a promoção de projetos interdisciplinares, que relacionem a literatura com outras áreas do conhecimento e ressaltem a sua importância.

A partir do momento em que o professor incentiva o debate crítico acerca de determinada obra literária, focalizando no diálogo com a realidade dos educandos, serão estabelecidos elementos de identificação entre o leitor e o livro, o que contribui para uma incitação ao gosto pela leitura. Dessa forma, é necessário que a obra seja explorada de maneira mais aprofundada, a fim de refletir questões contemporâneas pertinentes.

Pensando não apenas na troca de visões promovida pelo debate, mas também na leitura, Girotto e Mello (2012) discorrem sobre a Tertúlia Literária Dialógica, que,

segundo Flecha (1997), consiste em uma atividade em que os participantes escolhem certos trechos significativos de uma obra literária, discutem as suas interpretações e constroem diálogos coletivos acerca do objeto de estudo. As pesquisadoras ressaltam que “a realização desta atividade em sala de aula de diferentes escolas potencializa e abre novos horizontes para a prática da leitura no âmbito escolar” (Girotto; Mello, 2012, p. 76), o que corrobora para que o texto literário seja mais atrativo aos alunos.

É necessário, também, enxergar a tecnologia como uma ferramenta para alcançar os estudantes das novas gerações, principalmente, por meio das mídias sociais. Dentro de aplicativos como *Youtube* e *TikTok*, as comunidades de criadores de conteúdos literários, os chamados *booktokers* e *booktubers*, surgem como parceiros dos professores ao apresentarem livros de uma maneira mais descontraída e acessível. Santos (2022) afirma que os conteúdos, dentro desses canais, são diversos e que os emissores fazem resumos divertidos, além de encenar personagens e situações marcantes, se utilizando de memes e *trends*. Claramente, os curtos vídeos se prendem a resumos e o professor deve agir como incentivador para que as obras sejam lidas na íntegra. Contudo, nada impede que o docente promova ações de criação de conteúdos semelhantes, como resenhas em vídeo, indicações literárias curtas ou desafios de escrita criativa envolvendo temáticas estudadas previamente. Além disso, elaborar um evento literário digital, no qual os alunos possam apresentar seus projetos virtuais inspirados por suas leituras, pode soar como um elemento convidativo para os jovens. Ao realizar essa integração entre a cultura digital e a literatura, o professor moderniza seu fazer pedagógico e promove a formação de leitores.

Além do debate e do uso consciente da tecnologia, deve-se considerar a gamificação como estratégia de incentivo à leitura e estudo da obra literária. Ao criar jogos de tabuleiro ou de cartas baseados em narrativas literárias, o professor permite que os alunos vivenciem os livros de maneira ativa e colaborativa, ao mesmo tempo em que desenvolvem competências como a análise textual, a compreensão de certas camadas literárias e o desenvolvimento da criatividade. Sobre as vantagens da gamificação, afirma Moura (2019):

Com o crescente número de ferramentas de gamificação que existem, acessíveis a todas as pessoas, qualquer professor pode integrá-las nas suas práticas letivas. Numa atividade, escolar gamificada, os alunos aprendem como se estivessem a jogar um jogo, aprendendo de forma simples e lúdica (Moura, 2019, p. 66-67).

Um *board game* inspirado em narrativas machadianas, como *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ou *O Alienista*, por exemplo, pode incluir desafios

que ajudem a identificar pistas e recriar a trama, a fim de discutir os pontos centrais da obra. Já um *card game* pode ser construído com personagens, eventos e temas literários, o que incentivaria os jogadores a realizar conexões com o objeto de estudo a partir da ludicidade e da criatividade pessoal e coletiva.

E, por fim, o uso de projetos interdisciplinares é indispensável para que seja ressaltada a importância da literatura como disciplina escolar, já que essa abordagem permite que haja uma compreensão mais ampla e contextualizada das obras literárias, vistas, também, pelos vieses de outras disciplinas.

Caso o professor resolva analisar, com a turma, a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, será possível explorar os aspectos históricos do país no século XIX, tal qual a urbanização desenfreada e a desigualdade social crescente; os aspectos geográficos, como a organização do espaço urbano; os aspectos sociológicos, como as relações de classe e a marginalização dos indivíduos etc. Outra possibilidade é a integração da literatura com as outras artes, em que o docente poderá promover uma transposição, por parte dos estudantes, das obras estudadas para representações gráficas, cênicas ou musicais, tornando a imersão literária mais atrativa. Tais possibilidades demonstram aos alunos as múltiplas conexões que a literatura pode fazer, não sendo, assim, um elemento de estudo isolado.

Dessa forma, o professor atua como um mediador do conhecimento e, também, como um catalisador de experiências literárias significativas. Ele deve inspirar os alunos a se formarem como leitores maduros, que sejam capazes de apreciar a literatura em sua essência e de reconhecer o seu valor na construção de uma sociedade mais consciente e plural.

Considerações finais

Diante das questões abordadas ao longo do texto, fica evidenciado que a literatura enfrenta uma crise em sua relevância no ensino básico, como reflexo de um sistema educacional que, embora tenha passado por reformas, ainda se orienta majoritariamente por uma lógica tecnicista. Mesmo nas diretrizes mais recentes, como a BNCC, observa-se uma valorização de competências e habilidades voltadas à formação para o trabalho e à resolução de problemas práticos, o que reforça uma visão pragmática do ensino. A literatura, contudo, não pode ser tratada somente como uma ferramenta pedagógica que vise atingir determinadas competências e habilidades, mas sim como um campo de estudos autônomo, capaz de proporcionar experiências únicas de reflexão crítica e pessoal. Para que haja uma recuperação de seu espaço nos currículos escolares, é necessário que os documentos oficiais reconheçam o

seu valor e promovam sua centralidade, dentro de sua área, no processo pedagógico.

A função do docente, nesse cenário, é imprescindível, pois é ele que tem a capacidade de modificar o contato com a literatura em uma experiência significativa para os alunos, mesmo diante dos vários obstáculos encontrados ao longo do caminho. O uso de metodologias ativas, a integração disciplinar com outras áreas do conhecimento e a promoção de debates críticos, além do uso da tecnologia como aliada, são elementos essenciais para superar os problemas impostos pelo sistema educacional e para que a literatura seja devidamente valorizada.

Por fim, enquanto o ensino de literatura continuar sendo abordado de forma superficial e subordinado a outros objetivos, a chance de seu desaparecimento em sala de aula é considerável. Garantir a sua permanência exige um esforço conjunto entre a comunidade escolar e a sociedade, que também necessita de enxergar o valor da literatura como um elemento necessário para o aprimoramento individual e coletivo. É por intermédio desse compromisso e união que será possível reverter a tendência de apagamento e assegurar que as futuras gerações compreendam e vivenciem o poder transformador que as obras literárias possuem. ■

Notas

- ¹ A crise do latim perpassa a retirada da disciplina do currículo escolar com a LDB de 1961. Segundo Leite et al. (2014), o declínio também ocorreu por fatores como a associação da língua a uma perspectiva elitista e cristã de educação; a resistência de renovação das metodologias de ensino, centradas, exclusivamente, na gramática e memorização; a falta de formação docente específica; e a crescente valorização de currículos voltados à profissionalização e à utilidade imediata.
- ² Estudos apontam que o ensino de literatura na educação básica tem sido orientado pelas exigências dos vestibulares e exames de larga escala, resultando na priorização de conteúdos históricos e sociológicos em detrimento de uma abordagem estética, interpretativa e crítica. Galvão (2017), ao analisar esse cenário, destaca as críticas de Leahy-Dios (2004) e Zilberman (2010), evidenciando o vínculo entre o currículo escolar e os exames seletivos, além dos entraves enfrentados pelos professores, como condições precárias de trabalho e materiais didáticos distantes do cotidiano escolar, o que corrobora para uma prática superficial do ensino de literatura.

Referências

ALBUQUERQUE, Pedro Henrique Elias. O hábito de leitura no século XXI: desafios e propostas para docentes e mediadores de leitura. **Claraboia**, v. n. 20, p. 163-181, 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Seção 1, p. 2780. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 14 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/educacao-basica>. Acesso em: 14 nov. 2024.

FLECHA, Ramón. **Compartiendo palabras**: al aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. [s.l.]: Paidós, 1997.

GALVÃO, André Luis Machado. Leitura literária e ensino: sobre caminhos para formar leitores. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 33, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2017.

GIROTTI, Vanessa Cristina; MELLO, Roseli Rodrigues de. O ensino da leitura em sala de aula com crianças: a tertúlia literária dialógica. **Revista Inter-Ação**, v. 37, n. 1, p. 67-84, 2012. ISSN 1981-8416.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEITE, Leni Ribeiro et al. O ensino de língua latina no Brasil: percursos e perspectivas. **Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 27, n. 2, p. 53-77, 2014.

LOURENÇO, Giovanna Gonçalves; SANTOS, Maria Aparecida dos. Literacia em perspectiva: uma análise acerca da literatura e leitura literária na formação crítica dos estudantes durante o ensino médio. In: **Encontro Nacional de Linguística e Literatura – ENALIC**, 2023, [S.I.]. Anais [...]. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV190_MD1_ID7975_TB2194_15112023173354.pdf.

MOURA, Adelina. Uma estratégia de gamificação para envolver os alunos na aprendizagem de obras literárias. In: DIAS, Paulo; MOREIRA, Darlinda; Mendes, António Quintas (Coord). - **Inovar para a qualidade na educação digital** [Em linha]. Lisboa: Universidade Aberta, 2019, p. 63-76.

NONATO, Marcos. O desafio do ensino de literatura na cultura digital. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 302-320, 2015.

OCDE. **PISA 2022 Results (Volume I and II) – Country Notes: Brazil**. Paris: OECD Publishing, 2023. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/pisa-2022-results-volume-i-and-ii-country-notes_ed6fbcc5-en/brazil_61690648-en.html. Acesso em: 10 maio 2025.

PEREIRA, Bonfim Queiroz Lima; DE MELO, Márcio Araújo. O ensino de literatura relacionado às outras linguagens no ensino médio: um olhar sobre os documentos oficiais. **Revista Ribanceira**, v. 2, n. 1, p. 144-155, 2014. ISSN 2318-9746.

PIRLS. **Relatório Nacional do PIRLS 2021** – Brasil: Estudo Internacional de Leitura. São Paulo: Instituto Reúna; Fundação Lemann, 2023. Disponível em: <https://www.institutoreuna.org.br/publicacoes/relatorio-nacional-do-pirls-2021/>. Acesso em: 12 maio 2025.

SANTOS, Laura Coelho dos. **TikTok e livros:** uma análise sobre a influência dos booktokers no consumo de livros no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SILVA, Ione de Cássia Soares da; PRATES, Tatiane da Silva; RIBEIRO, Lucineide Fonseca Silva. As novas tecnologias e aprendizagem: desafios enfrentados pelo professor na sala de aula. **Revista Em Debate**, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 107-121, 2016. ISSN 1980-3532.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: Ibpex, 2010.